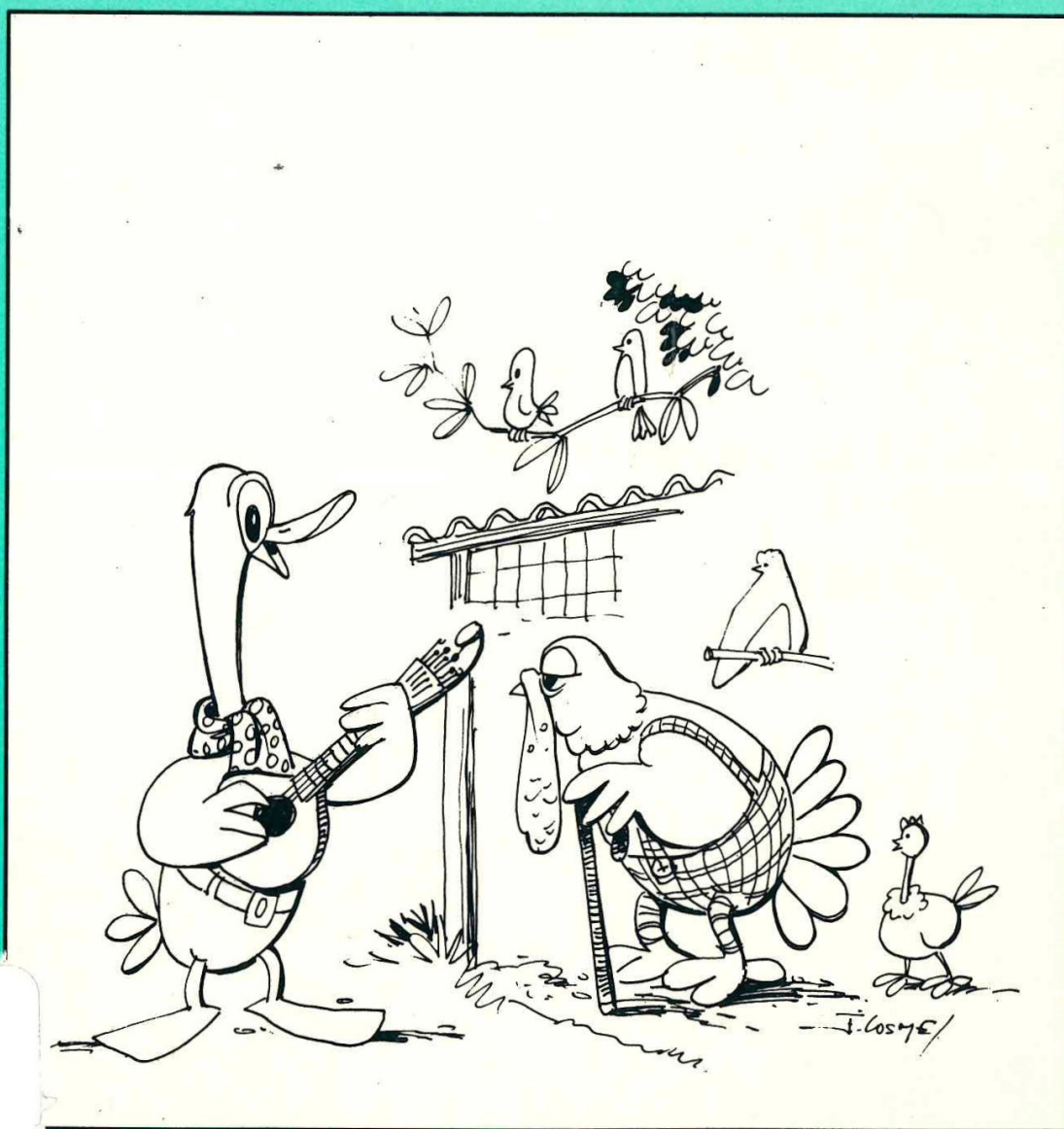


SOLEDADE MARTINHO COSTA

A Festa na capoeira

ILUSTRAÇÕES DE J. COSME



SOLEDADE MARTINHO COSTA

A Festa na capoeira



ILUSTRAÇÕES DE J. COSME

DA AUTORA para crianças

ORIGINAIS

VAMOS ADIVINHAR ANIMAIS I — 4.^a ed. 1988/Publicações Europa-América
O GATO DOS BIGODES — 3.^a ed. 1989/Publicações Europa-América
VAMOS ADIVINHAR PROFISSÕES I — 4.^a ed./Publicações Europa-América
JOÃOZINHA E A AMENDOEIRA — 2.^a ed. 1989/Edições Vela Branca
O CANTEIRO VAIDOSO (Teatro) — 2.^a ed. 1985/Figueirinhas
CONVERSA DA BICHARADA (seleccionado para representar Portugal na Bienal Internacional de Ilustração de Bratislava/77) — 4.^a ed. 1989/Publicações Europa-América
VAMOS ADIVINHAR FRUTOS - 4.^a ed. 1989/Publicações Europa-América
UM-DÓ-LI-TÁ — 3.^a ed. 1989/Figueirinhas
VAMOS ADIVINHAR FIGURAS CÉLEBRES — 1985/Publicações Europa-América
6 HISTÓRIAS NUMA HISTÓRIA DE TODAS AS CORES/2.^a ed. 1987/Edições CEBI
VAMOS ADIVINHAR ANIMAIS II — 1988/Publicações Europa-América
VAMOS ADIVINHAR PROFISSÕES II — 1988/Publicações Europa-América
O CARACOL QUE SABE MÚSICA — 1990/Edições Vela Branca
O BICO DE LACRE - 1990/Edições Vela Branca
HISTÓRIAS QUE O VERÃO ME CONTOU — 1990/Publicações Europa-América
A FESTA NA CAPOEIRA — 1990/Edições Vela Branca

ADAPTAÇÕES

AS MAIS FAMOSAS FÁBULAS I — 1980/Publicações Europa-América
AS MAIS FAMOSAS FÁBULAS II — 1981/Publicações Europa-América
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS — 1982/Publicações Europa-América
OS MAIS BELOS CONTOS DE TODO O MUNDO I — 1983/Publicações Europa-América
OS MAIS BELOS CONTOS DE ANDERSEN — 1984/Publicações Europa-América
OS MAIS BELOS CONTOS DE TODO O MUNDO II — 1989/Publicações Europa-América

COLECÇÃO SARRABAL (Juvenil)

OS 12 IRMÃOS/JANEIRO — 1986
OS 12 IRMÃOS/FEVEREIRO — 1986
OS 12 IRMÃOS/MARÇO — 1986
OS 12 IRMÃOS/ABRIL — 1987
OS 12 IRMÃOS/MAIO — 1987
OS 12 IRMÃOS/JUNHO — 1987

A SAIR

HISTÓRIAS QUE O OUTONO ME CONTOU
OS 12 IRMÃOS/JULHO
OS 12 IRMÃOS/AGOSTO
OS 12 IRMÃOS/SETEMBRO

Título: *A Festa na Capoeira*

Autora: *Soledade Martinho Costa*

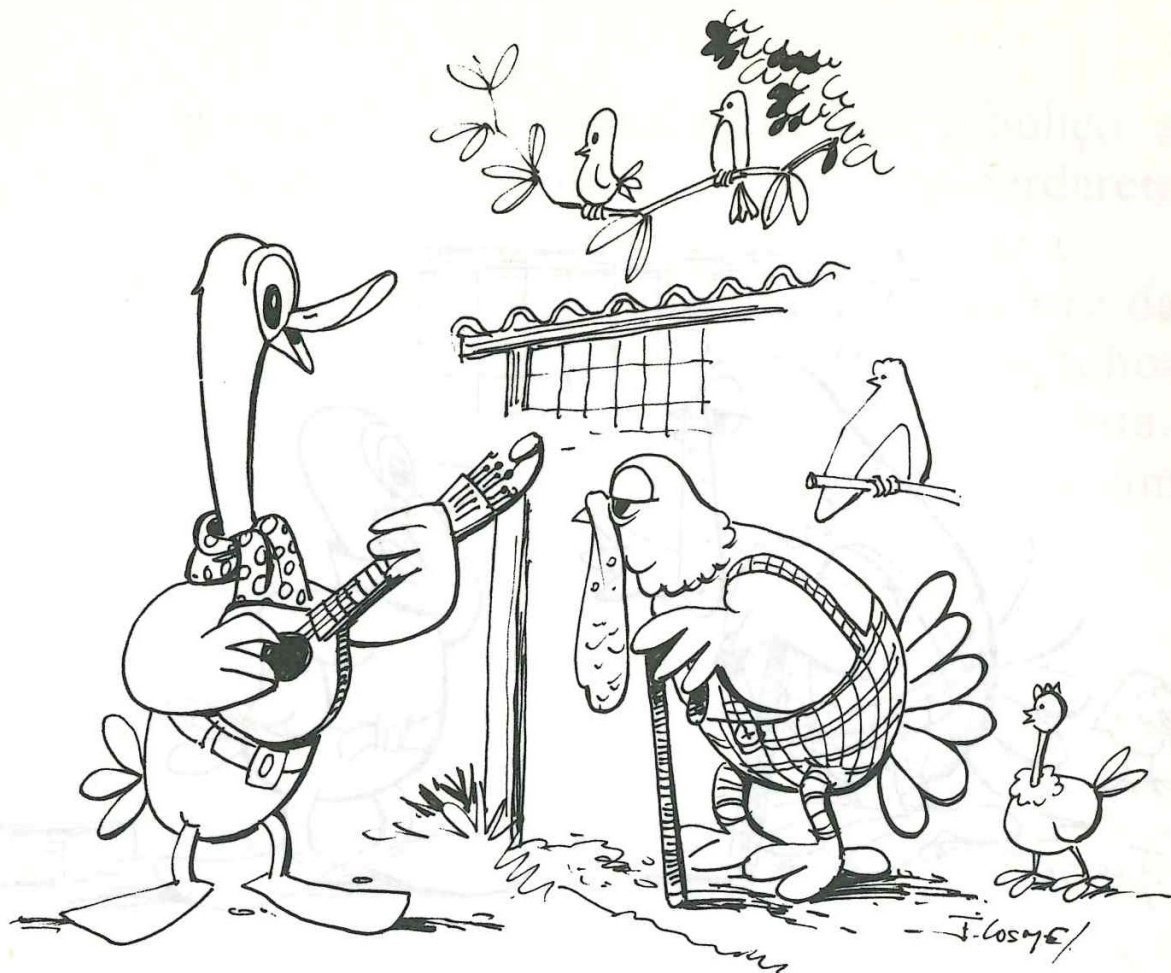
Ilustrações: *J. Cosme*

Revisão tipográfica: *Luís Filipe Coelho*

© 1989, Soledade Martinho Costa e Edições Vela Branca

Execução Gráfica: *Rolo & Filhos - Artes Gráficas, Lda.*

Depósito Legal: *37388/90*



A FESTA NA CAPOEIRA

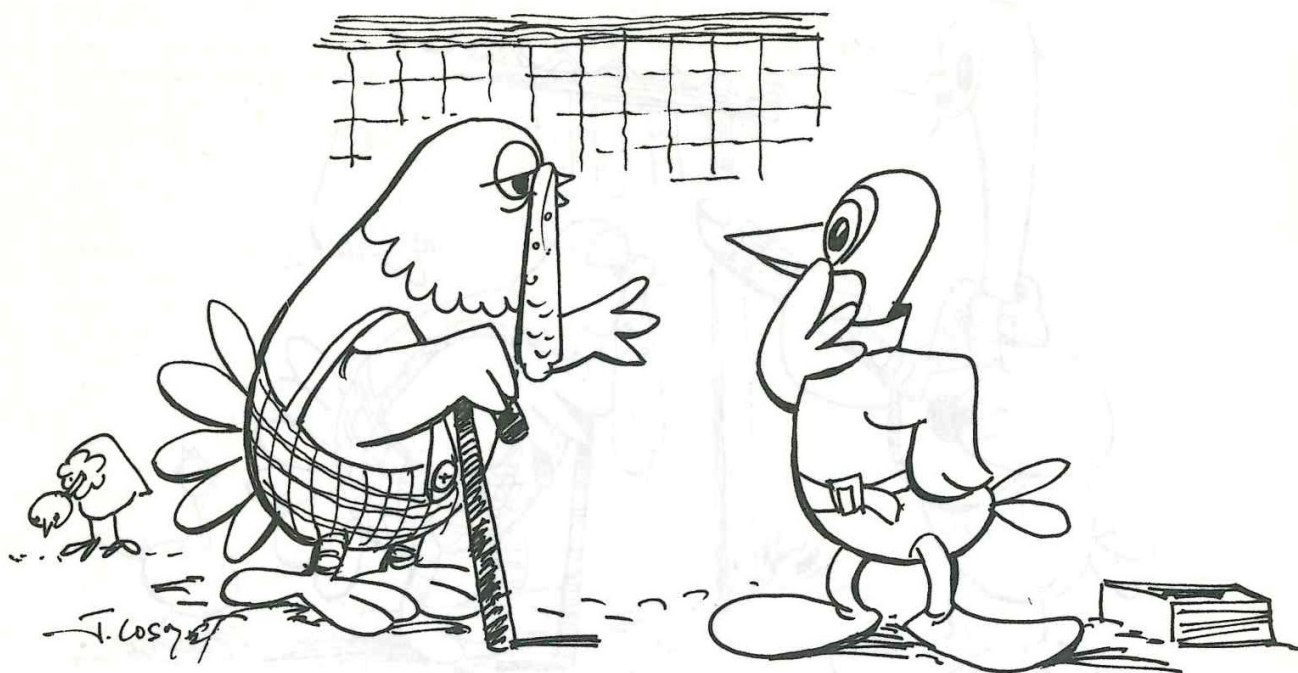
Era uma vez um ganso que tinha uma guitarra. E que bem que ele tocava! Até os pássaros, pousados nos ramos do pessegueiro que fazia sombra à capoeira, esqueciam o seu trinado ao ouvi-lo tocar.

Ora, certo dia, maravilhado com tamanha habilidade, um velho peru lembrou-se de propôr a um pato seu amigo:

— E se nós dois organizássemos um espectáculo aqui na capoeira, amigo Pato Patareco?

Não foi preciso mais nada para que o pato concordasse com a ideia.

Assim, nessa mesma tarde, depois de conversarem com o ganso, foram os dois convidar um galo com fama de grande cantor que morava numa capoeira próxima.



O galo, lisonjeado com o convite, aceitou logo participar no espectáculo.

De volta à capoeira, o peru e o pato começaram a tratar dos preparativos para a festa.

Em primeiro lugar, chamaram o pombo-correio, a quem confiaram a missão de levar a notícia a todas as aves de capoeira que morassem por aqueles lados.

A seguir, chamaram a galinha pedrês e a galinha castanha e encarregaram-nas de preparar a ceia.

Em conjunto, patas e franguinhas varreram muito bem a capoeira, limparam os poleiros, sacudiram e ajeitaram a palha das cestas dos ovos.

Os galos e os patos improvisaram um palco com alguns caixotes.

Todos andavam numa roda-viva: frangos, franguinhas, patos, rolas, codornizes, pombos, galos e galinhas.

Os pintainhos, esses, andavam num reboliço, a meter o bico em todos os cantos para não perderem bicada, quero dizer, pitada do que se passava.

Até a dona Cegonha, que morava na torre da igreja, dissera logo ter intenção de deitar os filhos mais cedo nessa noite para chegar a horas à festa.

Entretanto, na véspera do grande dia, deu-se um acontecimento que deixou todos de bico aberto.

Mas eu conto o que se passou.

Pela tardinha, apareceu um pombo-correio que era portador de um telegrama com a seguinte mensagem:

“CHEGO DIA DA FESTA CINCO DA TARDE. NÃO QUERO PERDER ESPECTÁCULO. ABRAÇOS. — GALO DE BARCELOS.”



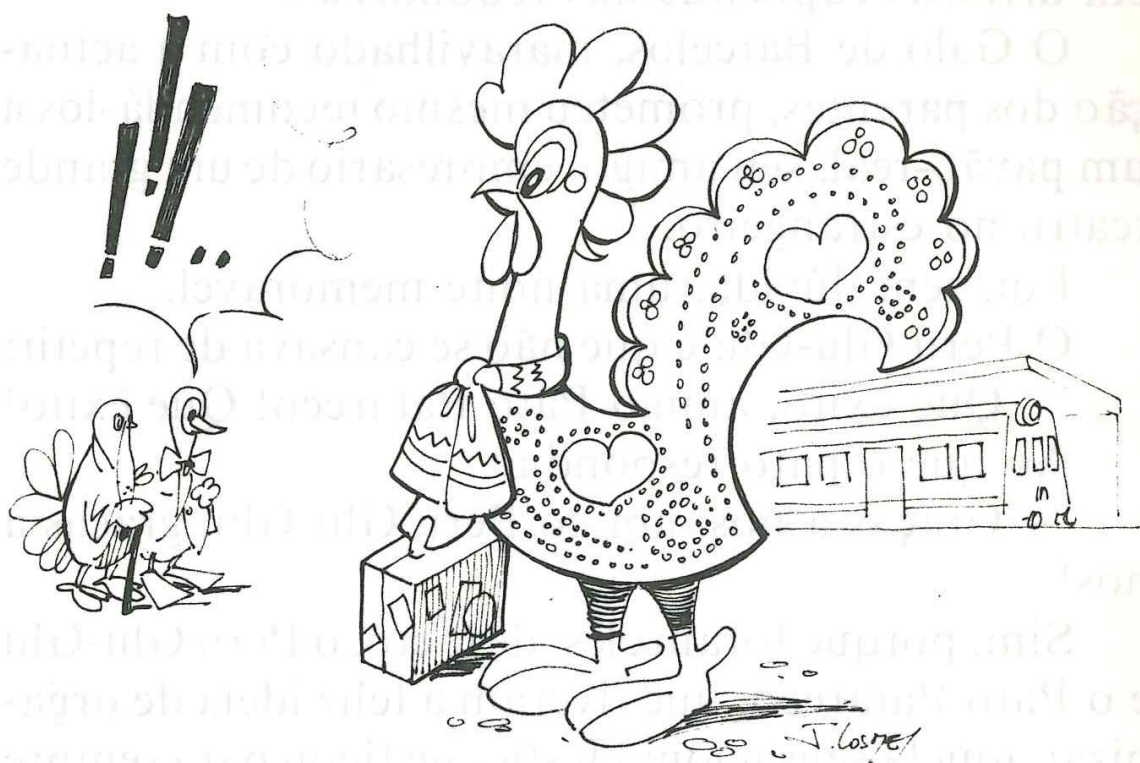
Foi uma surpresa. O Galo de Barcelos! Quem havia de dizer?! O galo mais conhecido de Portugal, viajadíssimo e com grande nome no estrangeiro, vir, assim, à festa da capoeira!

Não se falava de outra coisa.

No dia da festa, as galinhas poedeiras puseram o ovo logo de manhãzinha, para ficarem com o resto do dia livre de obrigações. E, claro, à hora combinada lá foram todos, de plumagem bem sacudida e acamada, ocupar os seus lugares nos poleiros com a maior ordem e educação.

À porta da capoeira encontravam-se o Peru Glu-Glu e o Pato Patareco, muito aperaltados, a receberem os convidados.





O Galo de Barcelos, que viajou no comboio Foguete, causou grande admiração, como não podia deixar de ser. E muito embora nenhum dos presentes tivesse visto um galo da ilustre família dos galináceos assim, tão pintado e espalhafatoso, receberam-no gentilmente e com todas as honras devidas à sua categoria de galo de posição.

Quanto ao espectáculo, foi um verdadeiro sucesso. Principalmente, quando o galo, numa voz muito afinada, cantou uma canção intitulada "PENAS QUEM AS NÃO TEM". Posso até acrescentar que as galinhas, a cacarejar, muito comovidas, foram as que mais aplaudiram, batendo as asas com entusiasmo.

Diz-se também que tanto o galo-cantor como o ganso-tocador-de-guitarra, receberam, no final do espectáculo, um monte de convites para actuarem em diversas capoeiras das redondezas.

O Galo de Barcelos, maravilhado com a actuação dos parentes, prometeu mesmo recomendá-los a um pavão-real, seu amigo, empresário de um grande teatro no estrangeiro.

Foi, sem dúvida, uma noite memorável.

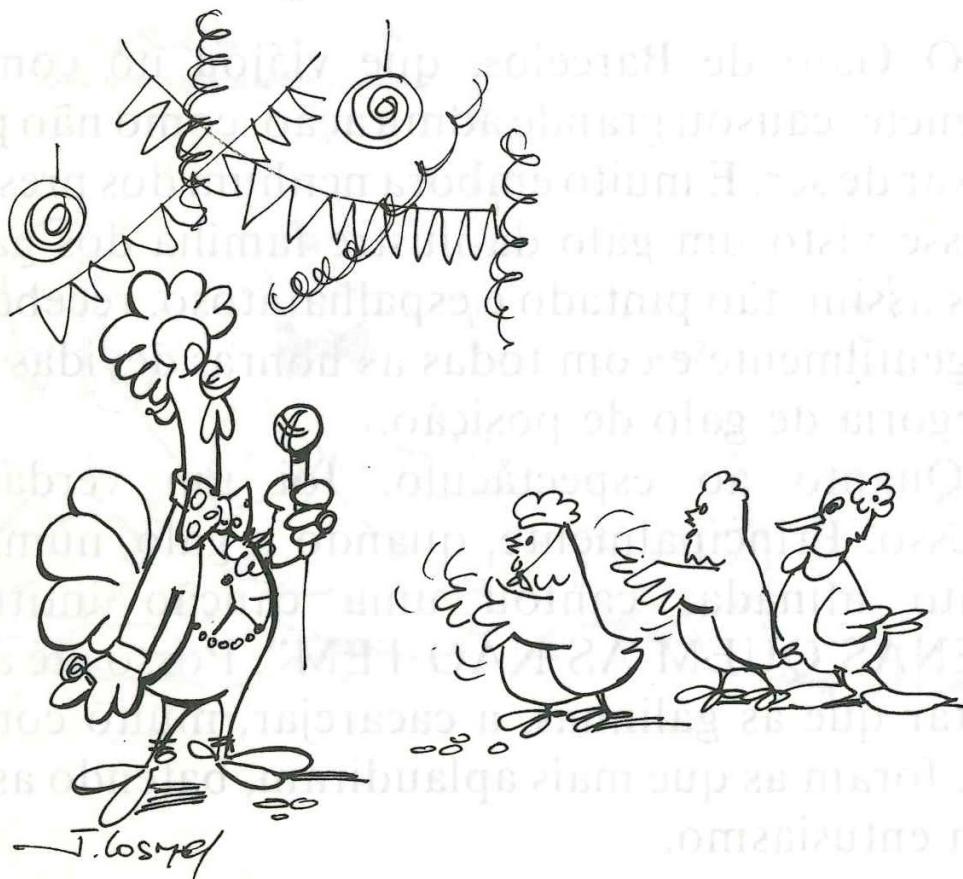
O Perú Glu-Glu é que não se cansava de repetir:

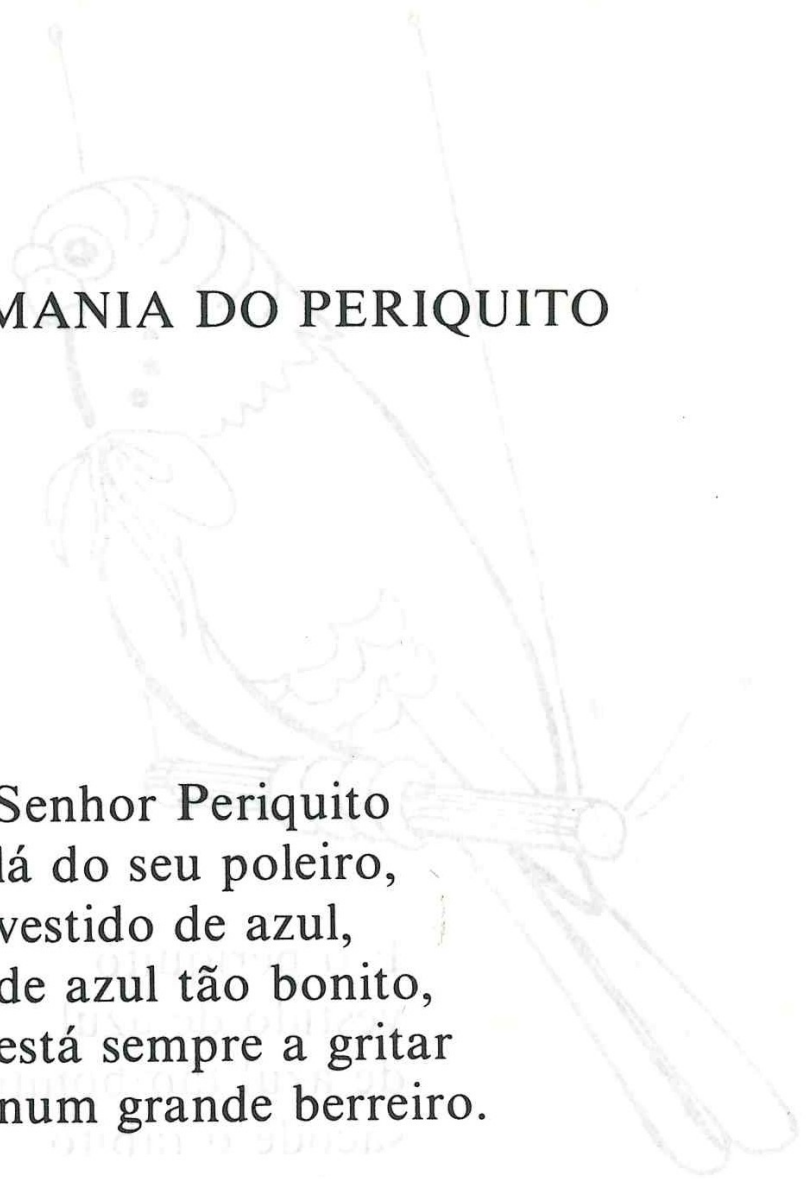
— Que êxito, amigo Pato Patareco! Que êxito!

Ao que o pato respondia:

— Graças a nós, amigo Peru Glu-Glu, graças a nós!

Sim, porque foram eles, de facto, o Peru Glu-Glu e o Pato Patareco, que tiveram a feliz ideia de organizar aquela sensacional festa que ficou para sempre na História da Capoeira.

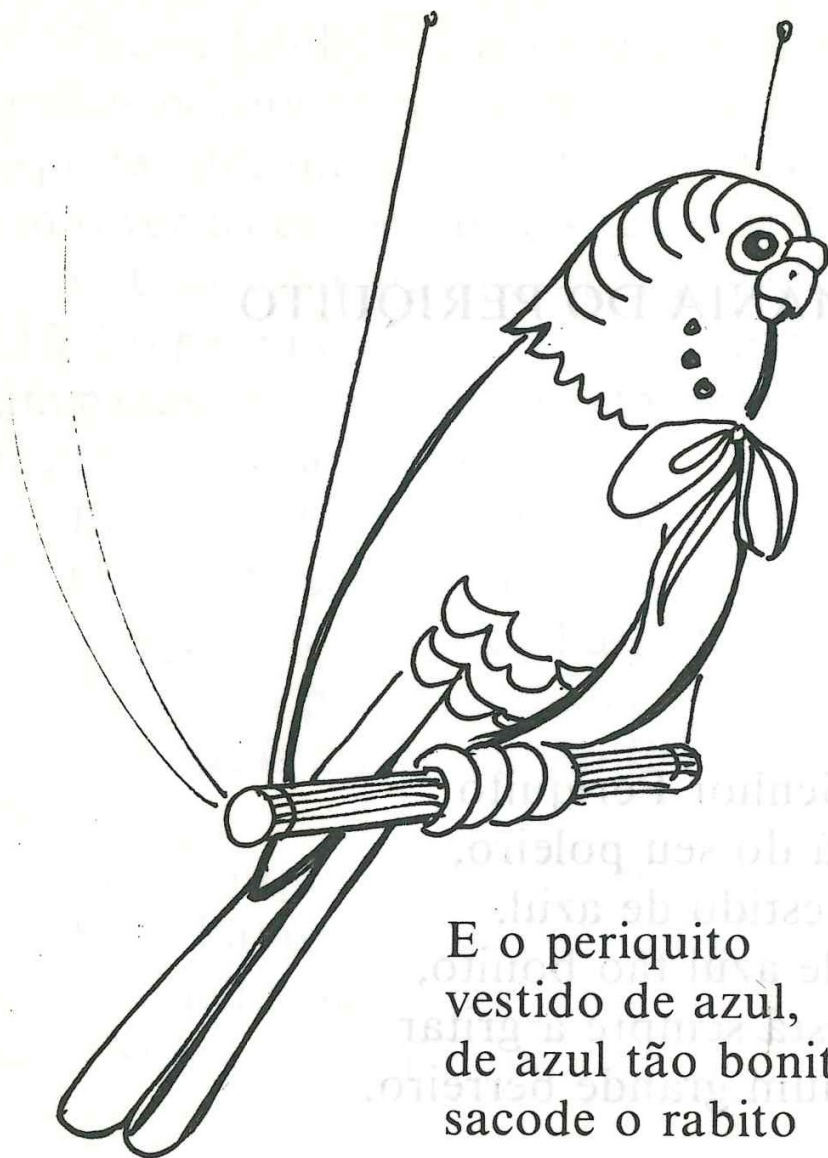




A MANIA DO PERIQUITO

Senhor Periquito
lá do seu poleiro,
vestido de azul,
de azul tão bonito,
está sempre a gritar
num grande berreiro.

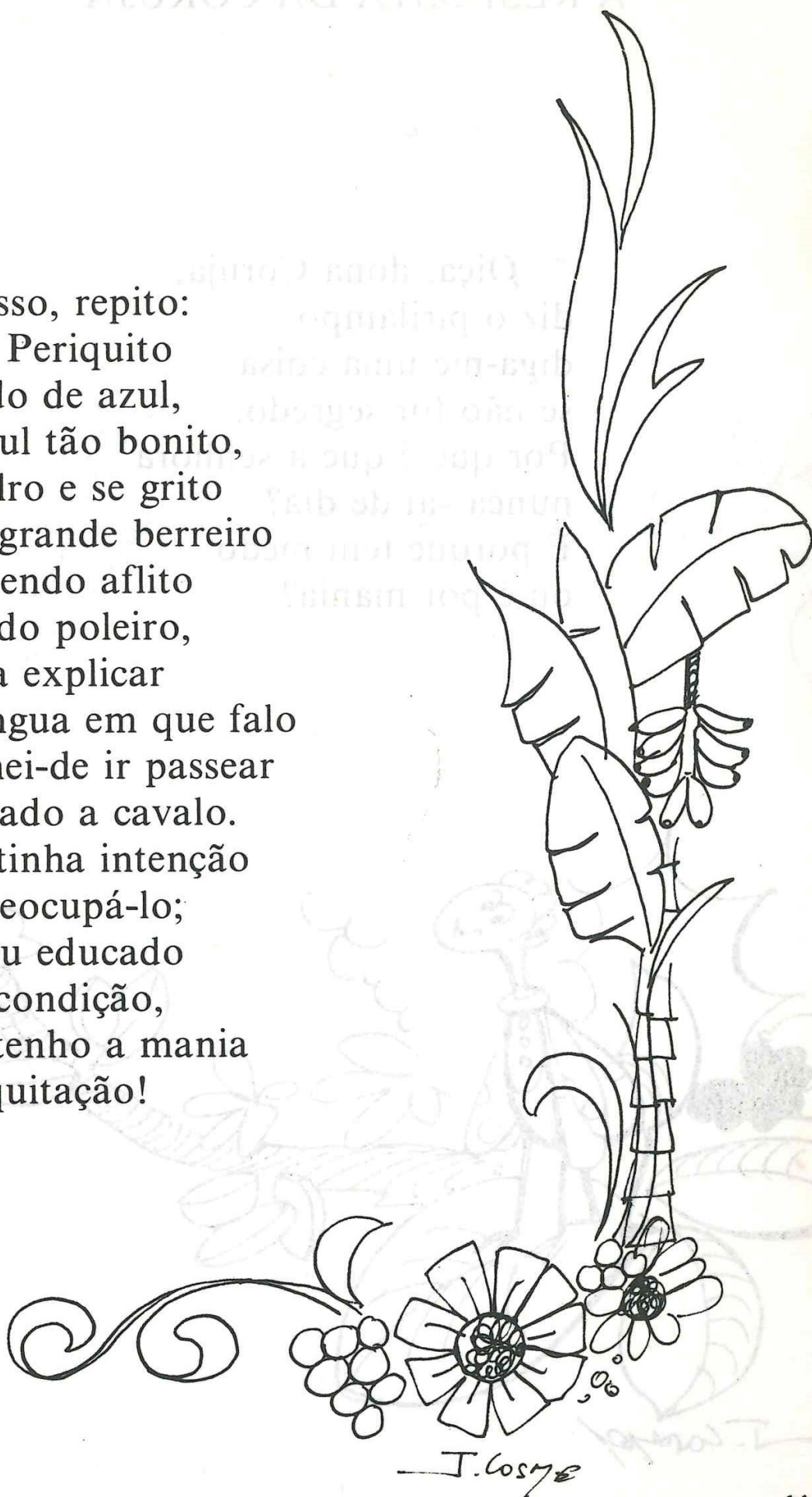
— Que mal lhe fizeram
senhor Periquito
vestido de azul,
de azul tão bonito?
Porquê tal berreiro
assim, tão aflito,
aí do poleiro?



E o periquito
vestido de azul,
de azul tão bonito,
sacode o rabito
e põe-se a explicar:

— Estou só a contar
na língua em que falo
que hei-de ir passear
montado a cavalo.
Não tinha intenção
de preocupá-lo;
eu sou educado
e de condição
mas tenho a mania
da equitação!

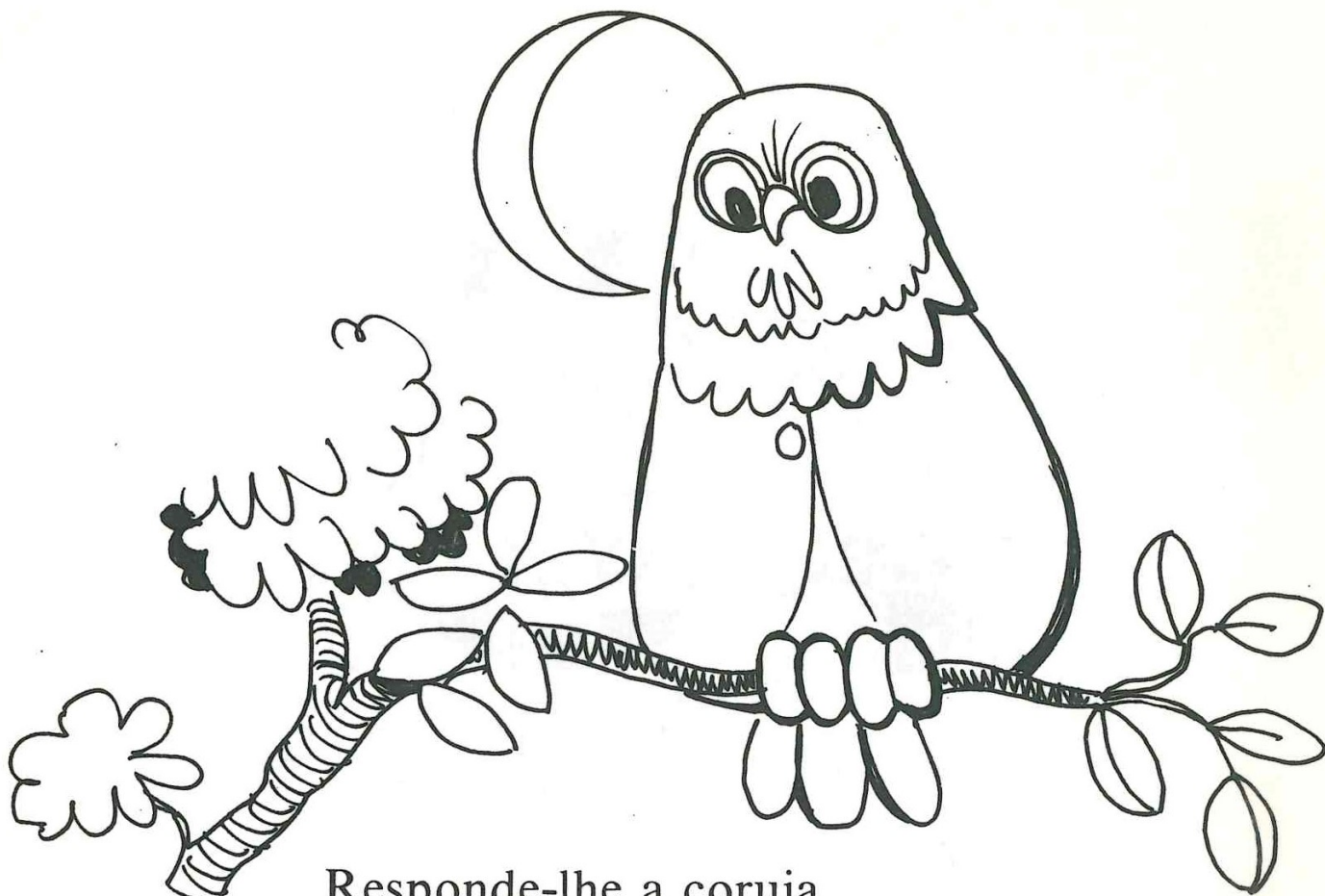
Por isso, repito:
eu, o Periquito
vestido de azul,
de azul tão bonito,
se palro e se grito
num grande berreiro
parecendo aflito
aqui do poleiro,
é só a explicar
na língua em que falo
que hei-de ir passear
montado a cavalo.
Não tinha intenção
de preocupá-lo;
eu sou educado
e de condição,
mas tenho a mania
da equitação!



A RESPOSTA DA CORUJA

— Oiça, dona Coruja,
diz o pirilampo,
diga-me uma coisa
se não for segredo:
Por que é que a senhora
nunca sai de dia?
É porque tem medo
ou é por mania?



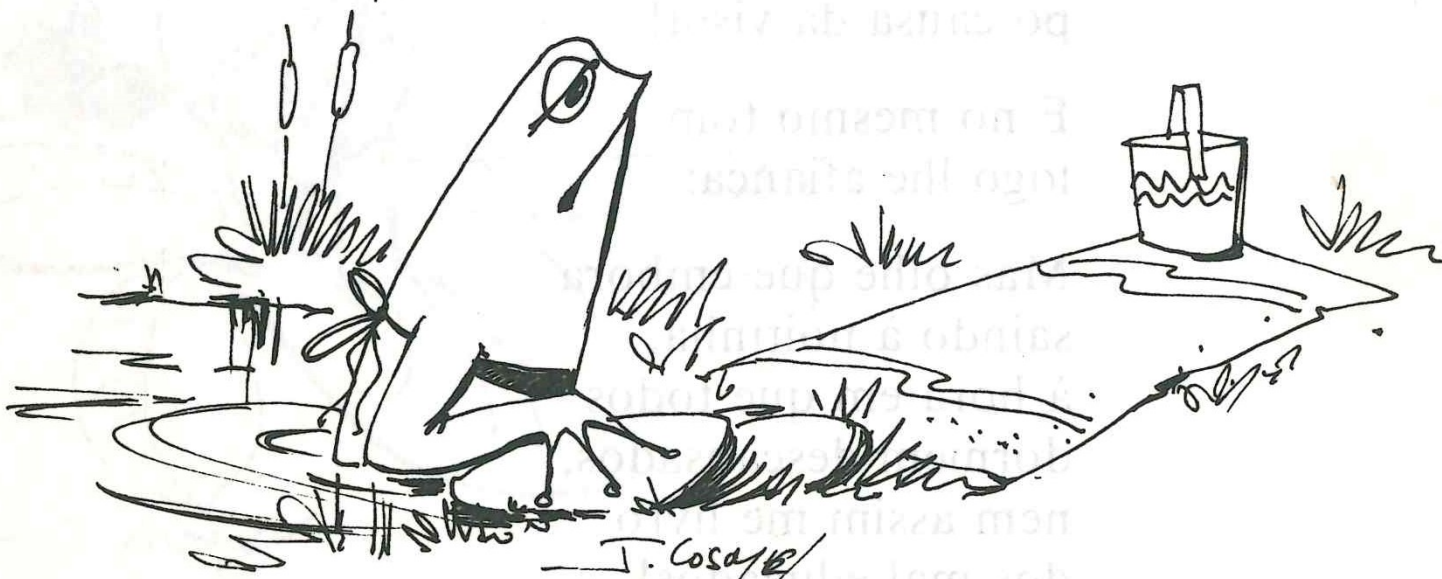
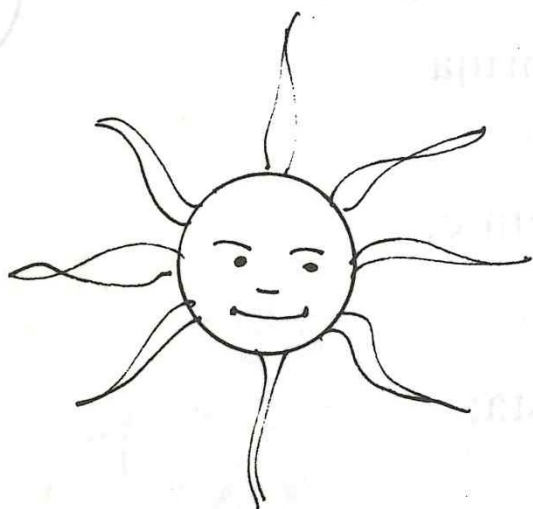


Responde-lhe a coruja
na sua voz mansa:

— Então, por quem é,
senhor Pirilampo.
À sua pergunta
não há quem resista;
não saio de dia
po causa da vista!

E no mesmo tom
logo lhe afiança:

Mas olhe que embora
saindo à noitinha,
à hora em que todos
dormem descansados,
nem assim me livro
dos mal educados!





O SAPO E A RÃ

Sempre que a rã saía da água para tomar o seu banho de sol, o sapo aproximava-se e dizia-lhe:

— Então, dona Rã, quando resolve casar comigo?

Nessas ocasiões, a rã punha um ar tristonho, suspirava e respondia:

— Ora, senhor Sapo, como posso casar consigo se as noivas vão vestidas de branco e eu ando vestida de verde?

Farto de ouvir a mesma coisa, o sapo começou a pensar que era tempo de resolver o assunto. Vai daí, meteu-se na toca e só de lá saiu quando julgou ter encontrado solução para o seu caso.



Nesse dia, pôs um saquito às costas, meteu patas à estrada, andou, andou, andou, subiu ao monte e foi até ao moinho.

Quando chegou disse ao moleiro:

— Senhor Moleiro, será capaz de ser tão amável que me dê um pouco da sua farinha?

O moleiro olhou o animal e respondeu:

— Com certeza que dou. Mas só numa condição.

— E qual é? — perguntou o sapo.

— A de trabalhares, durante uma semana inteirinha, na limpeza da minha horta.

— Combinado! — concordou o batráquio, satisfeito com o negócio.

A partir desse dia, diligentemente, começou a limpar de todos os insectos nocivos a horta do moleiro.

De mais sabia o sapo do seu ofício, pois no vale onde morava, era ele que limpava de bichos daninhos a horta e o jardim à volta da sua casa. Sabia também que não era formoso nem possuía uma bonita voz, mas, embora assim, o seu trabalho era

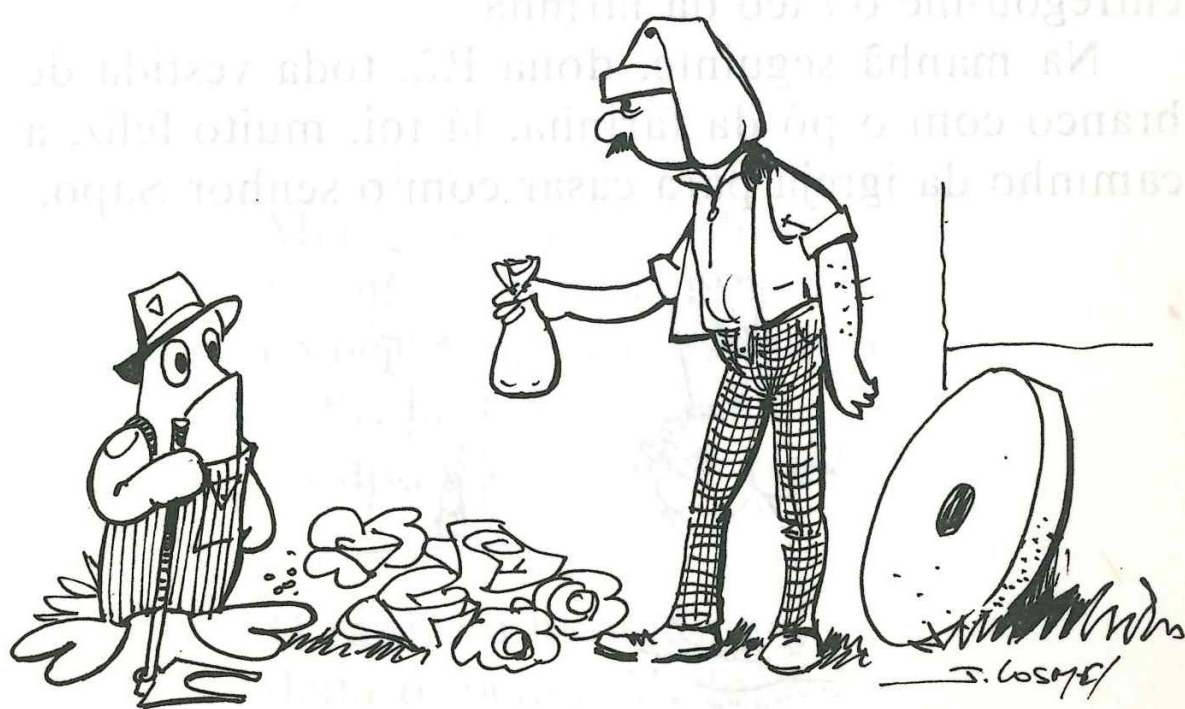
muito necessário. Por isso, todas as plantas o apreciavam e eram suas amigas. Principalmente, porque não fazia qualquer distinção entre elas. Com igual esmero e amizade cuidava do modesto feijoeiro da horta, como da mais bela e perfumada roseira do jardim.

Nesta altura, porém, o que lhe interessava era executar a tarefa para a qual se havia comprometido.

Assim, ao fim de uma semana de aturado trabalho, a horta estava limpa e o sapo apressou-se a procurar o moleiro.

— Está cumprida a minha parte do contrato, senhor Moleiro. — anunciou ele. — Falta agora o senhor cumprir a parte que lhe compete. — acrescentou.

O moleiro, contente por ver o trabalho realizado, pagou imediatamente a sua dívida: um pouco de farinha!



Sem peder tempo, o sapo encheu o saquito, pô-lo às costas, despediu-se do moleiro e encetou o caminho de regresso ao vale.

Mal chegou, aproximou-se do charco onde morava a rã e chamou num grande vozeio:

— Dona Rã! Ó dona Rã! Venha depressa! Venha depressa por' favor!

A rã estranhando o alvoroço, pôs a cabecinha fora da água e perguntou:

— O que foi senhor Sapo? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu sim, dona Rã! — Respondeu ele, cheio de contentamento. — Aconteceu que já achei solução para o nosso caso!

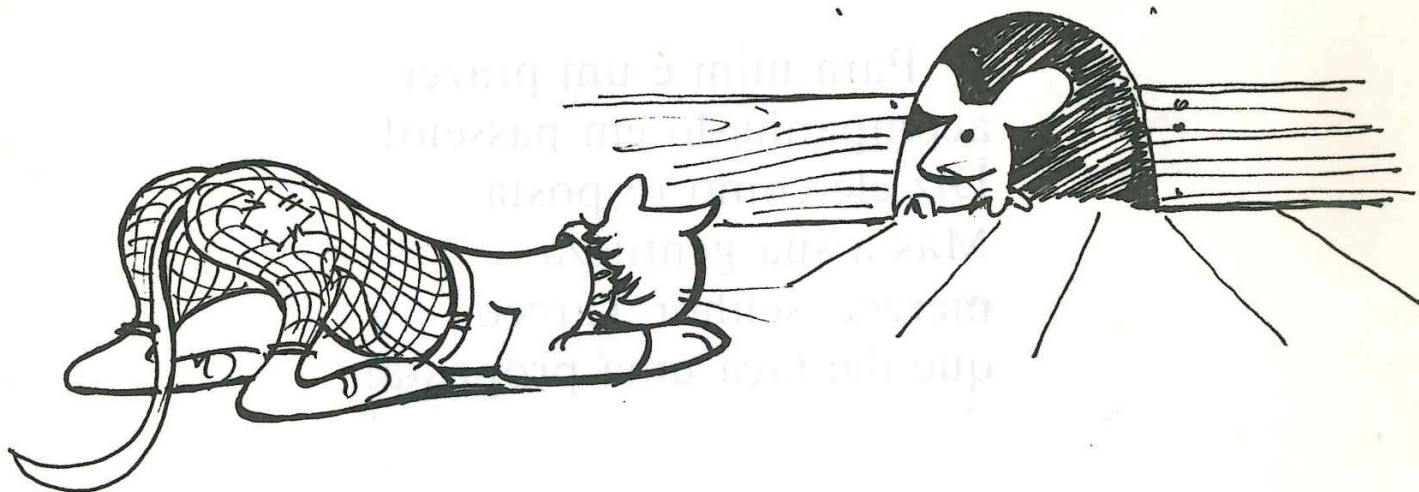
Ao ouvir tão grande novidade a rã saltou prontamente da água e pediu:

— Então, conte, senhor Sapo! Ande, conte depressa, que estou ansiosa por saber!

Nesse momento, o sapo, muito satisfeito, acercou-se dela, falou-lhe baixinho ao ouvido e entregou-lhe o saco da farinha.

Na manhã seguinte, dona Rã, toda vestida de branco com o pó da farinha, lá foi, muito feliz, a caminho da igreja para casar com o senhor Sapo.



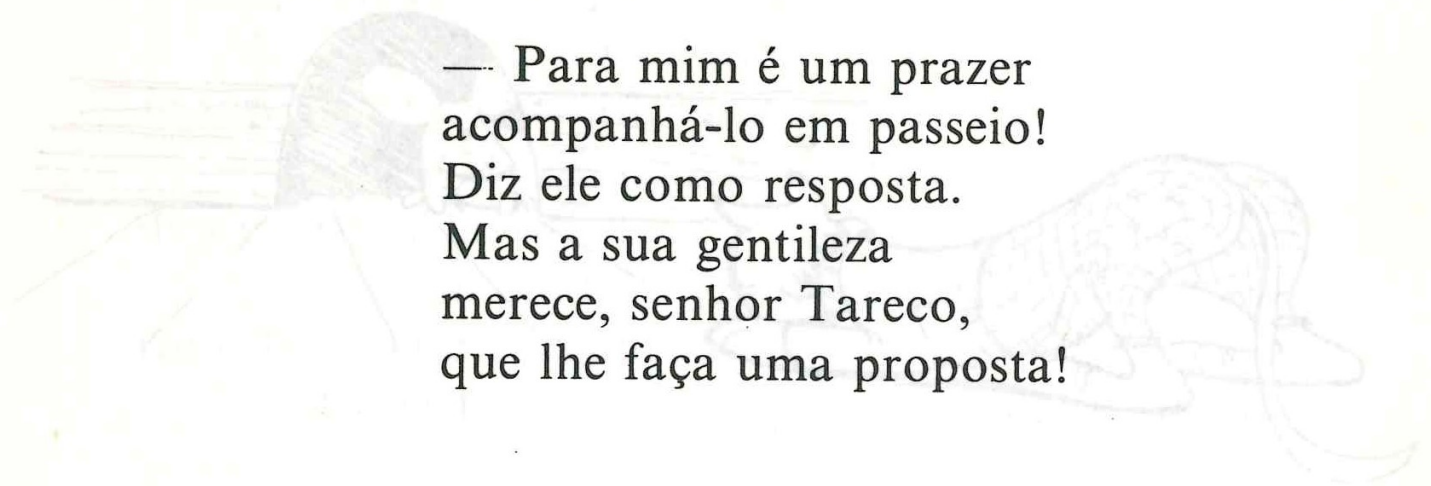


O GATO E O RATO

O ratinho, do buraco,
vê o gato à sua espreita.

— Senhor Rato, caro amigo!
Mia o bichano manhoso.
Venha daí à despensa
comer um pouco de queijo.
Sabe, já tenho saudades,
há muito que não o vejo!

O rato, no buraquinho,
deita o focinho de fora:



— Para mim é um prazer
acompanhá-lo em passeio!
Diz ele como resposta.
Mas a sua gentileza
merece, senhor Tareco,
que lhe faça uma proposta!

Logo o gato estende as patas
de veludo, sorrateiro.

Antes de irmos à despensa
comer o queijo da serra,
entre aqui no meu buraco
e sente-se à minha mesa!

E remata, zombeteiro:
O meu amigo não sabe,
mas nunca aceito um convite
sem que eu o faça primeiro!



Rodou o gato nas patas
de volta para a cozinha
e o rato, mais descansado,
foi dar a sua voltinha!



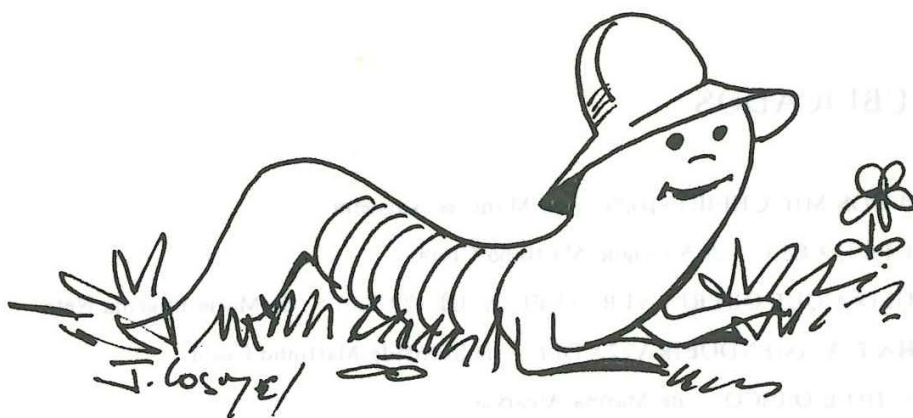
A LAGARTA E O GRILO

“Dona Lagarta é tão verde,
tão verde a dona Lagarta!...”



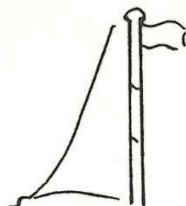
Pensava o grilo cantor
que um dia,
sem se conter,
perguntou
bisbilhoteiro:

— Escute cá, dona Lagarta:
a senhora não se farta
de ser assim, dessa cor?



Responde, pronta, a lagarta
à questão do companheiro:

— Azar meu, compadre Grilo.
A resposta é coisa pouca,
embora peça sigílo.
Aqui, que ninguém nos ouve,
fiquei assim desta cor
por passar dias inteiros
a roer folhas de couve!



edições
VELA BRANCA

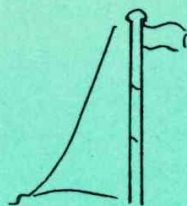
LIVROS PUBLICADOS

INFANTIS

- 1 — O JARDIM DOS MIL CHEIRINHOS — de Manuela Nogueira
- 2 — UM-DÓ-LI-TÁ (3.^a Ed.) — de Soledade Martinho Costa
- 3 — A TREPadeira QUE QUERIA VER O CÉU AZUL (2.^a Ed.) — de Maria Eugénia Neto
- 4 — JOÃOZINHA E A AMENDOEIRA (2.^a Ed.) — de Soledade Martinho Costa
- 5 — O COELHINHO E O PICO — de Marina Algarvia
- 6 — O CARACOL QUE SABE MÚSICA — de Soledade Martinho Costa
- 7 — A FESTA NA CAPOEIRA — de Soledade Martinho Costa
- 8 — O BICO-DE-LACRE — de Soledade Martinho Costa

JUVENIS

- 1 — À PORTA DO TEU CORAÇÃO — de Maria do Carmo Rodrigues
- 2 — O VENCEDOR (2.^a Ed.) — de Maria do Carmo Rodrigues
- 3 — CHAMO-ME LEOVIGILDO (2.^a Ed.) — de Maria do Carmo Rodrigues
- 4 — UMA AVENTURA NA QUINTA DA FURADA (2.^a Ed.) — de Manuela Nogueira
- 5 — O PILHA-GALINHAS (2.^a Ed.) — de Manuela Nogueira



edições
VELA BRANCA

C
2555



biblioteca
municipal
barcelos



34220

A festa na capoeira